

FORTALEZA, CE, 17 DE DEZEMBRO DE 1996

*Senhores Presidentes e companheiros da Argentina, do Paraguai e do Uruguai; Senhores Chanceleres; Senhores Ministros; Senhoras e Senhores;*

Em primeiro lugar, quero expressar a satisfação do povo e do Governo do Brasil pela presença do Presidente Carlos Menem, do Presidente Julio Sanguinetti e do Presidente Juan Carlos Wasmosy, aqui, entre nós, em Fortaleza, aguardando a presença dos Presidentes do Chile e da Bolívia, que, em breve, se juntarão a nós. E esta satisfação hoje é redobrada, primeiro, por estarmos juntos numa reunião de consolidação do Mercosul; segundo, por estarmos no Brasil, mas, muito especialmente, por estarmos em Fortaleza, uma cidade do Nordeste do Brasil.

Era nosso empenho, e tenho certeza de que é o empenho de todos os Senhores Presidentes que nos visitam, simbolicamente demonstrar, com a nossa presença, aqui, numa região mais ao norte do Brasil, esta vocação integracionista do Mercosul. Dadas as dimensões do território do País, muitas vezes, quando se fala de Mercosul, pode ficar a impressão de que se trata da integração da parte sul do Brasil.

Nada mais distante do nosso pensamento do que isso. Na verdade, é uma integração do conjunto do País. E o fato de estarmos, hoje, aqui, em Fortaleza, indica esta vontade de todo o País, de todo o Brasil, de estarmos juntos com o Mercosul.

Há, também, alguns fatos importantes que, creio, conviria manifestar neste primeiro encontro, como o de que houve aumento muito grande das exportações desta região do Brasil para os países componentes do Mercosul. Contrariamente ao senso comum, o intercâmbio da Região Nordeste do País com os países do Mercosul cresceu relativamente mais depressa – é verdade que a partir de uma base menor, mas cresceu mais depressa, se multiplicou mais rapidamente do que o intercâmbio feito pelo conjunto do Brasil com os demais países do Mercosul.

De modo que acho muito importante assinalar esta nossa presença, aqui, em Fortaleza, e espero que os Presidentes tenham gostado do encontro de ontem à noite. Sei que alguns gostaram tanto que foram a um forró, coisa que é vedada ao Presidente da República do Brasil.

Por outro lado, eu queria, também, expressar a nossa satisfação pelo avanço conseguido nos nossos encontros com o Mercosul. Creio que estamos chegando a uma fase em que já não basta chamar a atenção para os êxitos, no que diz respeito ao fluxo de comércio, que é muito grande. Sabemos que passamos de um comércio de cerca de 5 bilhões, em 91, para 15 bilhões, em 95, no conjunto dos países. É algo, assim, muito expressivo, realmente muito expressivo. Sabemos, também, que isso não se deu em detrimento do comércio da nossa região com outras regiões, porque passamos de 29 bilhões para 55 bilhões no conjunto do comércio internacional.

De modo que não tem nenhum fundamento a idéia de que o Mercosul aumentou as trocas entre os países da região em detrimento das trocas globais. Não aconteceu isso. Houve aumento significativo, tanto das trocas no Mercosul com o resto do mundo, como das trocas internas ao Mercosul. Mas acho que já sabemos que é uma aquisição dos nossos povos.

Agora, estamos partindo para dimensões, digamos, de maior profundidade na nossa integração. Refiro-me aos aspectos políticos e aos aspectos culturais e sociais. Nos aspectos políticos, claramente: temos, hoje, indiscutivelmente, um compromisso comum dos países do Mercosul, compromisso que se desenvolve com muita naturalidade, sem nenhuma afetação.

Não precisamos estar reiterando a nossa vocação democrática, porque nós a estamos praticando, e isso é o mais importante. E praticando com naturalidade. Todos sabemos o modo pelo qual os governos dos nossos quatro países compõem suas eventuais divergências: da forma latino-americana, conversando e, se possível, com algum senso de humor.

O Presidente Menem e eu comentávamos que os nossos Ministros das Finanças precisam rir um pouco mais, porque nós, Presidentes, compomos as nossas diferenças de maneira mais alegre. Imagino que os Ministros, não só das finanças, da área econômica em geral, podiam seguir os exemplos presidenciais, porque vão chegar a composições mesmo; então, vamos aproveitar e fazê-lo com alegria.

Bom, isso, hoje, já é um dado da nossa relação de cordialidade, de amizade, mas estamos dando passos que vão além desse relacionamento de governos. Estamos dando passos importantes na integração cultural e na atenção a alguns aspectos sociais da integração.

Aqui, em Fortaleza, houve um encontro de cultura. É a primeira vez, eu creio, que se faz um encontro desse tipo no âmbito do Mercosul, onde produtores de cultura, intelectuais dos nossos países estiveram juntos, discutindo algo que vale a pena ressaltar, que é a nossa identidade. Nós temos as nossas identidades nacionais, elas não serão obscurecidas; mas começamos a ter, além delas – e até para lhes dar relevo –, uma identidade de Mercosul, uma experiência cultural que começa a ser intercambiada de forma muito ativa, muito viva. E isso marca os povos.

A nossa marca Mercosul, hoje, não se refere apenas ao fluxo comercial, aos investimentos que fazemos reciprocamente em nossos países, mas tem a ver também com a nossa sensibilidade, com o

modo de refletir sobre nós próprios, com a busca de fatores culturais que nos aproximam, e aproximam muito, e creio que isso se desenvolve com muita força.

Quero também mencionar, nestas palavras de boas-vindas e introdutórias, o aspecto que começa a ser preocupação crescente nossa, positivamente, que é o de que estamos começando a lidar com questões de integração no plano das pessoas, no plano social.

Há um entendimento, que aqui avançou bastante, no que diz respeito a um código de defesa do consumidor. No mundo moderno, é fundamental que prestemos atenção crescente ao consumidor, à defesa do consumidor, que é a da pessoa, que é a do cidadão. Nós adiantamos a discussão sobre as questões da previdência social, sobre os direitos trabalhistas. Vamos, progressivamente, organizando o marco jurídico, e, no momento oportuno, esse marco estará, com naturalidade, definido, sem que precipitemos decisões que podem ter aspectos mais complexos, relativos à soberania – não é o caso de entrarmos nessas matérias, nem é necessário, dado o grau de coincidência e convergência dos nossos interesses. Estamos sentindo que existe uma acomodação crescente no modo de ver as coisas, nos países do Mercosul.

Por fim, eu queria dizer que nós, os quatro países aqui reunidos, temos, como todos sabemos, muita ação comum. Ainda recentemente, em Cingapura, nós vimos que houve coincidência de pontos de vista, e é muito importante isso. Cingapura, de alguma maneira, é um indicador de que precisamos estar cada vez mais juntos. Se não estivermos cada vez mais juntos, outros estarão definindo, com mais presteza, com mais rapidez, o modo pelo qual o mundo vai se organizar. E nós eventualmente podemos ter prejuízos. Não queremos tê-los; e, porque não queremos tê-los, nós queremos – precisamos, efetivamente – estar cada vez mais agindo em comum. Foi o que fizemos em Cingapura.

Queria também lhes dizer que, nesta ocasião em que estou terminando a presidência *pro tempore*, nós avançamos bastante no que diz respeito à vigência da nossa união aduaneira, construída a partir de Ouro Preto. Agora, com a questão da Bolívia, além do Chile, que já

vinha do outro semestre, estamos acrescentando algo muito significativo, que são esses acordos de área de livre comércio, e ampliando, por consequência, o raio de influência do Mercosul no nosso âmbito, da América do Sul.

Tudo isso se faz – só para repetir, gostaria de mencionar – sem que tenhamos como objetivo afastarmo-nos da integração hemisférica. A integração hemisférica é um compromisso. O compromisso assinado e assumido em Miami por todos nós será mantido, e nós estamos, nesse processo qualificado de regionalismo aberto, preparando-nos para essa integração de maneira sólida e madura.

Finalmente, Senhores Presidentes, Senhores Ministros, queria fazer referência a algo que tem um caráter simbólico: nós acabamos de descerrar uma placa, onde vimos que havia uma logomarca – nem sabia que existia essa expressão em português –, a logomarca Mercosul, que aí está exposta. Este símbolo foi feito a partir de uma concorrência internacional, na qual houve 1300 candidatos, 1300 propostas. Saiu vencedora a proposta de um artista argentino, que, creio, foi muito feliz porque ela é simples: Mercosul e o Cruzeiro do Sul. E o Cruzeiro do Sul realmente nos une, é alguma coisa que marca este hemisfério e tem uma grande vantagem: é que o Cruzeiro do Sul é uma constelação infinita. Eu disse há pouco que ele tem geometria viável. Quanto mais países entrarem, mais estrelas haverá no Mercosul. A Bandeira do Brasil já faz uma certa referência ao Cruzeiro: como fomos criando vários estados, foi possível também ampliar o número de estrelas na nossa bandeira, sem que isso desorganizasse o desenho e o simbolismo que nele existe. Essas quatro estrelas que aí estão e aquela que se destaca mais (*aponta*) é por rodízio, depende da presidência *pro tempore*. Daqui a pouco vai ser o Paraguai.

Aqui estamos com um marco de irmandade e, em pouco tempo, vamos ter mais algumas estrelas nessa marca Mercosul. Com essa facilidade extraordinária do português e do espanhol, é só trocar uma letra, o “l” pelo “r”, e já se muda de idioma sem que ninguém perceba. De modo que acho que, realmente, essa logomarca foi muito bem achada e simboliza o nosso espírito de integração.

Ao reiterar as boas-vindas – e o faço em nome de todos aqui presentes – àqueles que nos visitam, dou, portanto, por aberta esta sessão.

Ouviremos agora o Embaixador Lampreia, nosso Ministro das Relações Exteriores, que vai fazer um relato das atividades do Mercosul no período em que o Brasil exerceu a presidência *pro tempore*.

[Segue-se intervenção do Ministro Luiz Felipe Lampréia]

(...) a satisfação que nós temos de receber neste momento o Presidente do Chile e senhora Eduardo Frei e dizer a Sua Excelência que a decisão política do Mercosul é muito clara com respeito ao significado da presença do Chile. O Presidente Frei manifestou, em reuniões que tivemos em Santiago, a sua disposição de aproximar-se do Mercosul, não apenas porque o Mercosul propicia um acordo de livre-comércio – e nós desejamos ardentemente que, no futuro, assim seja, com o prosseguimento das modificações das nossas tarifas, das nossas *aranceles*, para que seja possível uma integração completa do Chile – mas também, muito mais do que isso, porque o Mercosul passa a ser, com a presença marcante do Chile, um foro político, um foro cultural, um foro no qual há a aproximação dos nossos países.

E, nessa capacidade, Presidente Frei, a sua presença, como Presidente do Chile, e a presença dos chilenos são aqui consideradas por nós como presenças de iguais. Nós sabemos os desafios que vamos enfrentar nos próximos anos. Nós temos a proposta da Alca, que é a integração hemisférica. Isso é algo que transcende cada um dos nossos países e mesmo o Mercosul.

O Presidente Menem acabou de fazer uma formulação que me pareceu muito feliz. Ele disse que, quando se fala da integração, não se deve dizer “a integração do Mercosul *ao* Nafta”, senão que ao contrário, visto que o Mercosul tem um desenvolvimento muito maior e uma integração interna muito mais consistente que o próprio Nafta.

Então, é claro que o Chile, como um país irmão, tem que estar, nesse processo da Alca, sendo partícipe ativo com o Mercosul e dessa

eventual incorporação do Nafta a esse esforço que já estamos fazendo no Mercosul.

Quero externar, portanto, Presidente Frei, em meu nome e em nome do Governo do Brasil, e falo pelos Presidentes do Mercosul, a nossa disposição de receber o Chile nessa condição. Queremos convidar o Chile para estar presente nas discussões relativas a todos os aspectos políticos, culturais e econômicos desenvolvidas nesse processo crescente de integração regional.

Reafirmo, Presidente Frei, o que disse aos outros Presidentes aqui presentes: que, para nós, brasileiros, há todo um sentido muito especial nessa reunião aqui em Fortaleza. E aqui estou cercado não apenas de muitos Ministros, mas também dos Governadores de muitos estados do Nordeste, e isso nos alegra: os Governadores do Ceará, de Pernambuco, da Bahia, de Minas Gerais, do Piauí, não sei se o de Sergipe ainda está aqui, de Alagoas e, enfim, do Rio Grande do Norte – metade do Brasil, e uma metade que é muito importante para o Brasil e que será muito importante para o Mercosul, porque, repito o que disse há pouco, essa região, ao contrário do que ela própria imaginava, está intensificando seus laços com o Mercosul, com os países que compõem o Mercosul, com mais velocidade que outros estados brasileiros, pelo menos em termos de proporção de taxa de crescimento.

De modo que é muito gratificante para nós contar com a presença do Presidente do Chile e dos demais Presidentes aqui, em Fortaleza. Eu mencionava há pouco o fato, ao qual também o Presidente Menem fez alusão, de que nós aprovamos aqui a logomarca do Mercosul. Ali está o Cruzeiro do Sul, simbolicamente, e eu disse que o Cruzeiro do Sul é uma constelação imensa, de modo que mais estrelas vão se juntar às quatro estrelas iniciais. A primeira estrela que se juntou foi a estrela do Chile, e, como o Presidente Frei sabe, para mim, pessoalmente, cada vez que se trata do Chile, eu me sinto muito tocado, porque já repeti várias vezes que o Chile é minha segunda pátria.

Muito obrigado, Presidente.

[Segue-se intervenção do Presidente Eduardo Frei, do Chile]

Quero saudar a presença do Presidente Sánchez de Lozada, da Bolívia, pois é uma grande alegria para todos nós contar com a sua presença, aqui, entre nós. A Bolívia passa a participar agora, como associada do Mercosul, desse acordo de livre-comércio. E, se isso é um prazer para todos nós, o é muito particularmente para nós, brasileiros, tanto mais agora que Bolívia e Brasil estamos ligados – a palavra é literal – umbilicalmente, porque temos um viaduto como um bigo que nos une, um gasoduto, que nos une de maneira muito positiva, porque isso vai permitir acelerar a oferta de energia no Brasil e acelerar também o desenvolvimento da indústria na Bolívia.

Isso é um fato particular que une o Brasil à Bolívia, mas há fatos mais importantes que unem a Bolívia a todos nós, e acredito que o acordo que nós vamos firmar hoje terá esse significado.

Nós estamos ampliando a área de gravitação do Mercosul, e as presenças do Chile e, agora, da Bolívia nos dão mais força ainda para isso.

Acho que o Presidente Sánchez de Lozada terá o seu acordo assinado hoje. Espero que o Parlamento do Brasil – nós temos um representante do Parlamento aqui – possa aprová-lo já em janeiro. Nós teremos uma convocação extraordinária, e eu pedirei ao Presidente do Congresso que coloque em pauta esse acordo. Tenho certeza de que o Congresso estará muito ansioso em aprová-lo também, de tal maneira que não criemos uma dificuldade desnecessária ao Governo da Bolívia.

O Presidente Sánchez de Lozada foi nosso anfitrião muito recentemente – as reuniões são tão freqüentes agora entre os Presidentes, que vamos precisar ter uma linha aérea especial só para presidentes e ministros, naturalmente, e assessores. É por isso que não preciso acrescentar nada mais àquilo que todos já expressamos recentemente a ele, quando foi o Presidente da conferência sobre meio ambiente, conferência essa muito importante e muito bem organizada em Santa Cruz de la Sierra.

Espero que o Presidente Sánchez de Lozada encontre aqui, em Fortaleza, o complemento a Santa Cruz de la Sierra. Temos praias bastante agradáveis para serem vistas. Com a agenda que nos prepa-

ram, não podemos sequer ter o prazer de nos banhar na água, mas, pelo menos, dá para ver de longe o panorama e imaginar como vivem bem os homens e as mulheres daqui do Ceará, só para nos dar mais vontade de voltar ao Ceará.

Presidente, ao dizer da nossa satisfação, de maneira simples e direta, passo a palavra a Vossa Excelência.

